

## **Representações sociais: entre a Sociologia e a Psicologia Social – um espaço para o debate interdisciplinar**

Organizar um dossiê para a revista *Sociedade e Estado* é sempre um desafio e um privilégio. Em se tratando de um dossiê sobre Representações Sociais (RS), o desafio decorre das características e do estatuto teórico do conceito situado no campo do conhecimento tanto dentro quanto fora das fronteiras sociológicas. Originário da Sociologia, pela construção teórica de Émile Durkheim, o conceito dela se distanciou ressurgindo, com Serge Moscovici, na década de 60, como “uma forma sociológica de psicologia social”, nos dizeres de Farr (1994, p. 31), que a distingue, assim, da “forma psicológica de psicologia social”.<sup>1</sup> Este autor lembra que “Moscovici não desenvolveu sua teoria num vazio cultural. Ele teve a capacidade de se apoiar nos fundadores das Ciências Sociais na França, especialmente em Durkheim” (p. 44). Essas considerações de Farr levam-nos à conclusão de que o distanciamento é, pois, apenas aparente; o chão epistemológico da teoria aponta o fundo comum que a informa, assentado em ambas as áreas do conhecimento. É ainda o mesmo Farr que ressalta a continuidade entre passado e presente, ou entre a teoria das Representações Coletivas de Durkheim, em fins do século XIX, e a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, no início dos anos 60, no século XX.

A história – e mesmo a pré-história – dessa teoria mostra, assim, laços de afinidades (eletivas?) entre os dois campos do saber; basta lembrar, a propósito, que propõe Durkheim (1970) em “Representações individuais e representações coletivas” quando, raciocinando por analogia, estabelece as relações e distinções entre

as formas como são produzidas as representações individuais e as representações coletivas. A história desse conceito já foi contada por vários autores da Psicologia Social que descreveram, em distintos momentos, os caminhos por ela percorridos, dos primórdios à atualidade. Não pretendo, pois, no espaço desta apresentação, refazer tal trajetória. Gostaria, no entanto, de ressaltar que a afinidade teórica inicial, acima enfatizada, não foi, na prática, sinônimo de uma colaboração permanente e efetiva quando da análise empírica: a Sociologia “abandonou”, por assim dizer, a noção de representações, que, na Sociologia do Conhecimento de Durkheim, se constituía em mecanismo importante de compreensão do caráter social das categorias do entendimento (elas mesmas concebidas por Durkheim como representações coletivas) e do processo de conhecimento da realidade, captada em suas múltiplas interações sociais.

Assim, se desde seu surgimento a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici estabeleceu a intercessão com a Sociologia, o vice-versa não se deu de modo imediato.

Foi preciso esperar pelo final do século XX e início do atual para a Sociologia “redescobrir” a contribuição da TRS para a análise sociológica e para se presenciar o surgimento de uma nova era de aproximação entre a Sociologia e a Psicologia Social, incitada por essa última: “As representações estão presentes tanto ‘no mundo’ como ‘na mente’, e elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos” (Farr, 1994, p. 46). Como ressalta Jodelet (2001, p. 17),

frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana... Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.

É imediato o conteúdo sociológico da citação acima, apontando para o entrosamento com as teorias da ação, na medida em que as representações sociais voltadas para a compreensão de como crenças, valores e normas desempenham uma função prática de orientação de condutas e contribuem para a constituição da realidade da qual se ocupam. A teoria se identifica, assim, com a perspectiva sociológica em sua abordagem compreensiva, para quem a ação e seus sentidos se colocam como objeto por excelência de análise.

O “despertar” da Sociologia para o potencial heurístico da teoria parece coincidir, em parte, com o momento da entrada em cena das reivindicações por abordagens interdisciplinares, mostrando que a complexidade crescente do social passa a demandar uma maior colaboração entre disciplinas científicas, sobretudo nas Ciências Sociais.

Colaboração que, por outro lado, também requer um rigor maior na “manipulação” do corpo teórico interno ao campo científico ao qual se pertence e na forma como se utiliza o instrumental teórico-metodológico que é parte do corpo discursivo e enunciativo das disciplinas com as quais se pratica a interdisciplinaridade.

Consideraria ainda vigente uma afirmação que fiz, há algum tempo, referindo-me às relações entre fronteiras disciplinares quando buscava, mais especificamente, pensar a Sociologia e suas fronteiras. Dizia então:

sugiro que o convívio interdisciplinar, sem uma demarcação clara das fronteiras interdisciplinares, pode conduzir ao ecletismo. Em contrapartida, o trânsito e a ultrapassagem das barreiras podem concretizar um diálogo fértil, se se tem demarcado o lugar de fala e, conseqüentemente, o conteúdo do que é falado, o qual adquire e afirma, dessa forma, seu sentido. Já se depreende, portanto, que não se trata de uma mera posse de território, mas de um processo de construção de identidade [...]. (Porto, 1993, p. 45)

Em outras palavras, trata-se da delimitação do campo específico da disciplina que lhe permite auto-reconhecer-se como

prática científica e fazer-se reconhecer como tal no conjunto do campo científico mais abrangente. Neste sentido, delimitar é também limitar. E ainda que o dinamismo do objeto requeira fronteiras flexíveis, é necessário que estas sejam identificáveis, conferindo ao olhar sociológico sua especificidade.

Essa afirmação nada tem de contrária à colaboração disciplinar. Pede apenas que as posições e enfoques defendidos sejam coerentes com o campo discursivo ao qual se filiam. Defender algo distinto estaria, aliás, na contramão do momento, no qual a rigidez disciplinar tem sido tão contestada. Por outro lado, acredito também que não haja – mesmo entre os mais convictos adeptos da inter (multi, trans) disciplinaridade – propostas de total fusão ou dissolução de fronteiras entre campos e disciplinas. Os próprios prefixos, que convidam ao intercâmbio, são a re-afirmação da existência e delimitação dos limites disciplinares.

A distinção não pode, no entanto, se configurar em camisa de força. É o que parece nos dizer Michel Wieviorka. Em direção um pouco distinta, e visando a situar o estatuto das Ciências Sociais na atualidade, o autor diz que o futuro próximo pode apontar justamente para uma configuração distinta das fronteiras clássicas das disciplinas da área das Ciências Sociais. Por um lado, ressalta que essas disciplinas encontram-se em processo de mutação. Por outro, atento ao avanço do processo de conhecimento pelo qual elas vêm passando, aponta que tal mutação comporta um misto de continuidades e mudanças. Porém, o que é mais relevante ainda, ele se questiona se, para além da fragmentação dos paradigmas que teve lugar a partir dos anos 70 do século passado, não estaria ocorrendo uma recomposição. Diz ele:

Nessa hipótese, os pesquisadores não podem se contentar de constatar que cada um recorre a instrumentos analíticos que aportam seu fundamento científico ao trabalho de pesquisa, eles devem, igualmente, ser capazes de situar o aporte de cada pesquisa em

uma perspectiva mais abrangente que, respeitando-a, a ultrapassa e transcende, possuindo sua própria coerência. (...) por mais limitadas e precisas que sejam nossas pesquisas individuais, nós nos inscrevemos em orientações gerais, em concepções que vão bem além de simples instrumentos ou métodos que colocamos em ação. (Wieviorka, 2007, p. 20).

Acredito ser possível dizer-se que a mutação pela qual passam as Ciências Sociais, identificada pelo autor, se processa em paralelo ao intercâmbio entre essas mesmas ciências.

É, pois, nesse clima de debate e compreensão da natureza das relações entre as Ciências Sociais – e mais particularmente entre Sociologia e Psicologia Social, no caso em questão – que este dossiê foi constituído. Ele se propõe como um componente a mais para a adesão sociológica mais efetiva à teoria das RS e para o trânsito teórico-epistemológico necessário entre as abordagens sociológicas e as da Psicologia Social.

Falamos inicialmente em desafio e privilégio e expusemos, mesmo que de modo conciso, a natureza do desafio que esse dossiê comporta.

O privilégio vincula-se à possibilidade de, com este número da revista *Estado e Sociedade*, ampliar o espaço da interdisciplinaridade trazendo para o contexto do debate sociológico a contribuição da Psicologia Social, disciplina que, como se viu, institucionalizou e deu estatuto científico ao conceito de Representações Sociais, construindo-o como teoria.

Mas o privilégio é ainda maior: pudemos contar nesse processo com a participação de dois dos representantes mais significativos da TRS, no âmbito da Psicologia Social: Serge Moscovici e Denise Jodelet.

Quando pensei em organizar o dossiê, lembrei imediatamente de Denise Jodelet e, estando em Paris, fiz a ela o convite. Ela não

só aceitou prontamente como me disse: vamos convidar Moscovici! Convite feito, convite aceito, para minha grande alegria e honra.

Remando contra a maré, Moscovici foi, ao formular a Teoria das Representações Sociais, um opositor de explicações individuais para analisar a realidade. Além disso, produz no escopo de interdisciplinaridade. Como diz Ângela Almeida (2009, p. 10), “a possibilidade de diálogo entre as disciplinas das ciências humanas está colocada desde o momento que Serge Moscovici, com a TRS, contestou a tendência majoritária daquela época, de tratar os fenômenos da realidade social e cultural ancorados em dinâmicas individuais”. Da mesma forma, Denise Jodelet “insiste sobre a riqueza da noção [de representações sociais], sobre sua vitalidade científica e seu caráter re-unificador das ciências humanas, sobre sua transversalidade, mas, igualmente, sobre sua complexidade”, como afirmam Bonardi e Roussiau (1999, p. 19).

De volta a Brasília, procurei Ângela Almeida, expus a ela minhas pretensões, contei das participações de Jodelet e Moscovici e disse-lhe que um dossiê como esse, em Brasília, não teria representatividade se não pudesse contar com sua participação, uma vez que, na UnB, Ângela é realmente a referência no tema RS. Sua aquiescência ao convite foi imediato. Foi por seu intermédio e generosidade que fiz os contatos com Ângela Arruda, de quem tive igualmente a melhor das acolhidas, apesar de o momento, em termos pessoais, não ser dos mais propícios .

A essas participações que fazem da interdisciplinaridade a teoria em ato, somou-se, para minha satisfação a contribuição de Irllys Barreira, socióloga que, trabalhando com discurso, sentidos e valores, compreendeu, desde logo, a riqueza que a TRS pode significar para a análise sociológica.

Há momentos únicos nos quais a trajetória acadêmica se entrelaça aos caminhos afetivos. Foi o que ocorreu com este dossiê.

Muito antes de, pelas mãos de Ângela Almeida, ser apresentada a Serge Moscovici e Denise Jodelet, já os conhecia enquanto cientistas pelas referências que deles me fizera Werner Ackermann, quando me interessei pela TRS. Werner era psicólogo social, parceiro intelectual e amigo de ambos.

Gostaria de, nesta apresentação, fazer uma homenagem *in memoriam* a Werner. Ao Werner intelectual, cuja competência e seriedade acadêmica aliava-se a uma grande humildade, própria dos sábios, conciliando a pesquisa e a orientação ao trabalho institucional junto ao Centre de Sociologie des Organisations (CSO) do qual foi Diretor de Pesquisa Emérito. Mas minhas homenagens (que, animo-me a adiantar, serão partilhadas por Denise Jodelet e Serge Moscovici) são dedicadas, sobretudo, ao Werner figura humana ímpar, por sua generosidade; ao Werner, cunhado e amigo, de quem é impossível não se lembrar com saudades, pela solidariedade, amizade e carinho que dedicava à sua família brasileira.

Gostaria, finalmente, de agradecer a todos os autores que contribuíram para a excelência do dossiê, ao Departamento de Sociologia e à revista *Sociedade e Estado* pela aceitação de minha proposta para organizar este dossiê. Aceitação que atesta a compreensão quanto à pertinência e relevância, para o avanço da compreensão e explicação sociológicas, de um número dedicado à temática das RS.

*Maria Stela Grossi Porto*  
Editora do Dossiê “Representações sociais”

## Nota

- 1 Essa distinção, que não será objeto desta apresentação, considera a forma psicológica da Psicologia Social como um enfoque tipicamente predominante nos Estados Unidos e na América, em contraposição à forma sociológica, cuja tradição é nitidamente europeia (Farr, 1994).

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ângela; JODELET, Denise (Orgs.). *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas*. Brasília: Thesaurus, 2009.
- BORNARDI, Christine; ROUSSIAU, Nicolas. *Les représentations sociales*. Paris: Dunod, 1999.
- DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- \_\_\_\_\_. Representações individuais e representações coletivas. In: DURKHEIM, É. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.
- FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.
- PORTO, Maria Stela Grossi. A Sociologia e suas fronteiras. In: ADORNO, Sérgio (Org.). *A Sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, Sociedade Brasileira de Sociologia, 1995.
- WIEVIORKA, Michel. Introduction. In: WIEVIORKA, M. (Dir.). *Les Sciences Sociales em mutation*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 2007.